

# "NOSSOS ANTEPASSADOS JÁ DIZIAM: ORIXÁ NÃO COME VIDRO!": UMA ETNOGRAFIA SOBRE PRÁTICAS RELIGIOSAS E ECOLÓGICAS ENTRE AFRO-UMBANDISTAS.

Lucía Copelotti Guedes\*\*



ner

NÚCLEO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO

## Introdução

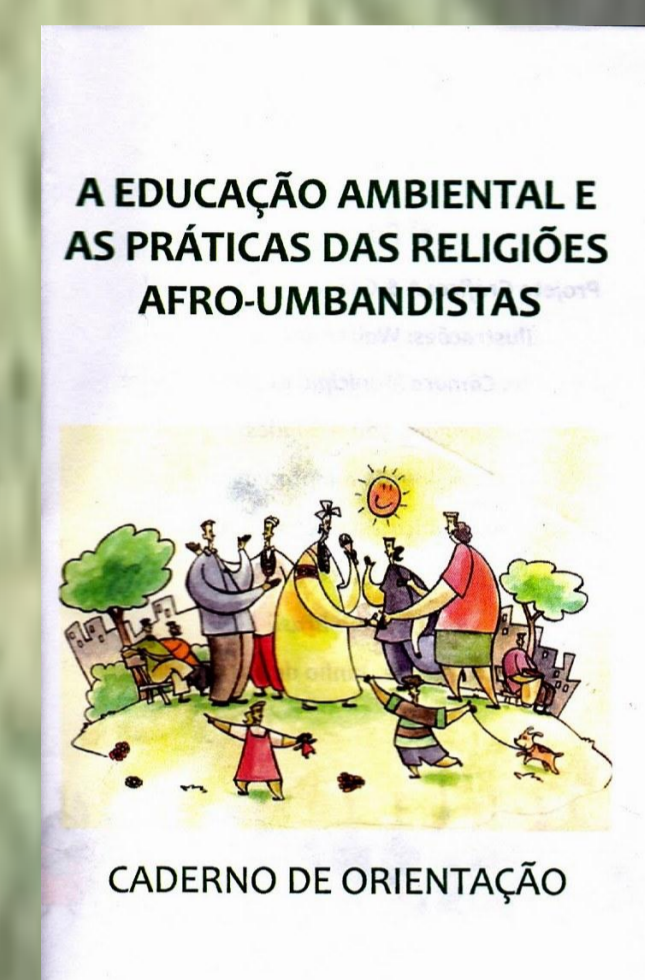
Esta pesquisa é parte do projeto Ambientalização Social da Religião, coordenado pelo Professor Carlos Alberto Steil, o qual propõe-se compreender como, a partir da incorporação de um *idioma* ecológico, a questão ambiental é apropriada por diversas instituições religiosas.

## Objeto

O recorte aqui privilegiado centra-se na análise das práticas de educação ambiental dos agentes afro-umbandistas e dos significados atribuídos ao 2º Volume da "Cartilha pela Natureza", elaborada por iniciativa da Federação Afro-Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul (FAUERS), em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Urbana de Porto Alegre (Figura 1), e da cartilha "A Educação Ambiental e as Práticas das Religiões Afro-Umbandistas", produto do diálogo desenvolvido no Grupo de Trabalho (GT) Matrizes Africanas (Figura 2).



Fonte: Imagens da FAUERS  
Figura 1 – Encarte Cartilha pela Natureza Volume 2



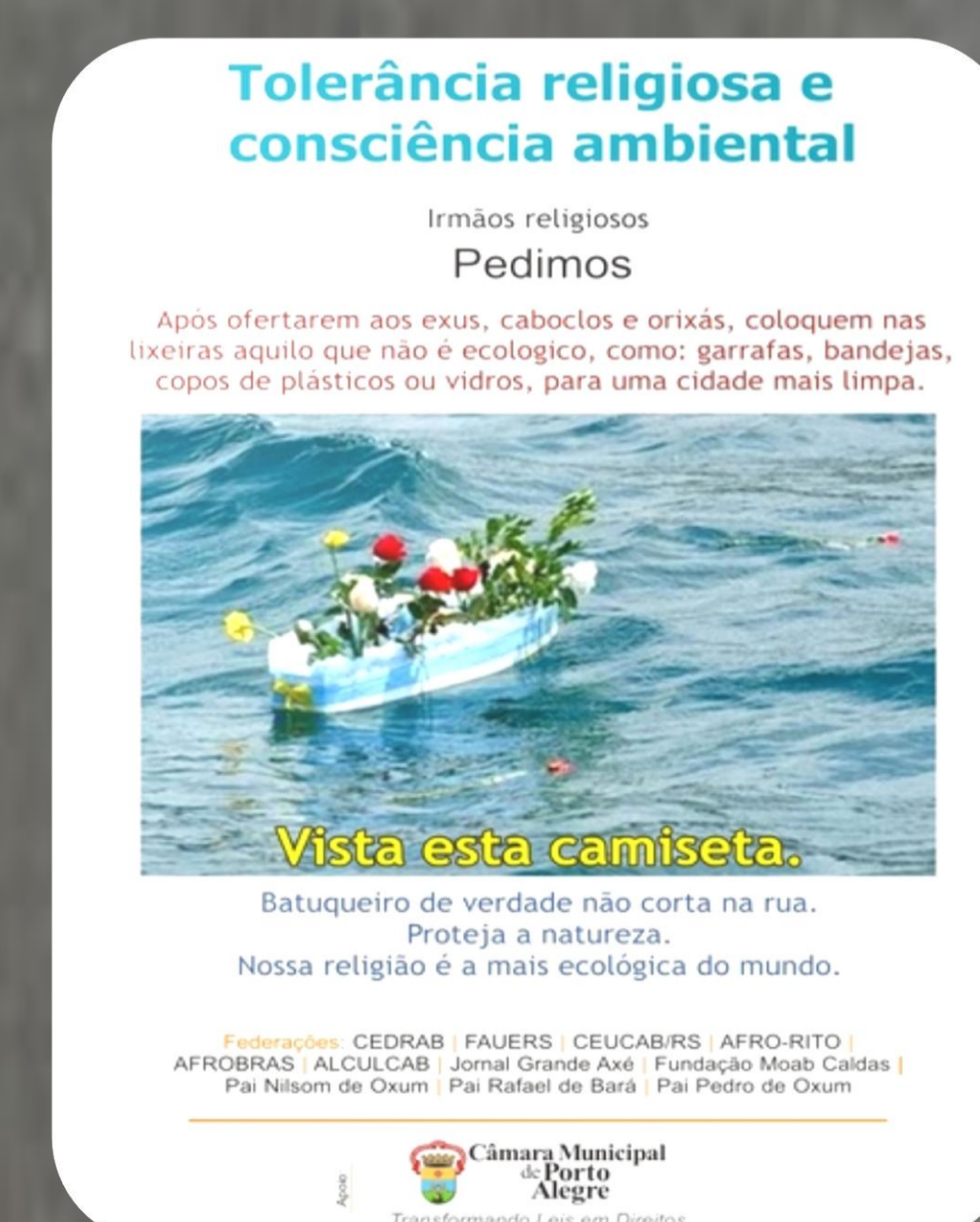
Fonte: Câmara Municipal de Porto Alegre  
Figura 2 - Encarte Cartilha Educação Ambiental e as Práticas das Religiões Afro-Umbandistas

## Metodologia

Por meio de observação participante e de entrevistas com os agentes do campo afro-religioso procura-se investigar as experiências que possibilitam o deslocamento em direção a certas práticas ambientais e religiosas. Realizou-se trabalho de campo de janeiro de 2011 a agosto de 2012.

## Discussão

A releitura de antigas categorias, internas ao campo afro-umbandista, a partir da incorporação de um *idioma* ecológico, confere legitimidade a estes agentes e atualiza suas práticas, cuja existência é anterior à própria noção de ecologia. Na análise do processo de legitimação das práticas rituais de tais religiões se faz necessário pensar as narrativas que escapam dos discursos oficiais veiculados pelas lideranças das federações e conselhos em defesa das religiões de matriz africana (Figura 3). A partir dessas problematizações, aponto para a possibilidade de conceber tal campo para além do discurso dominante, explorando suas fissuras, e dando visibilidade às táticas e estratégias acionadas pelos terreiros na negociação e na relação com o seu entorno. Assim, sugiro que a lógica expressa no conteúdo das cartilhas é reinterpretada pelos terreiros que não fazem parte do "projeto" de educação ambiental defendido pelos representantes das federações.



Fonte: Mário Pepo  
Figura 3 - Seminário Tolerância Religiosa e Consciência Ambiental.

\*Bolsista IC/CNPq– Orientador: Prof.Dr. Carlos Alberto Steil

\*\* Contato: luciacopelotti@gmail.com

## Referências

- BHABHA, Homi. Disseminação – O Tempo, a Narrativa e as Margens da Nação Moderna . In: O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p.198-238.
- CARVALHO, José Jorge de. As artes sagradas afro-brasileiras e a preservação da natureza. Série Antropologia – 381 Brasília. UNB/Dan, 2005. Disponível em <http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie381empdf.pdf>.
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. Naturalizando a Nação: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n. 15, ano 7, p.57-106, 2001.
- LEITE LOPES, J. S. Sobre processos de "ambientalização" dos conflitos e sobre dilemas da participação. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 12, n 12, p. 31-64, 2006.